

RUBEM BRAGA

## Coisas do Brasil

16/12/58

NÃO tenho memória para números; se não tomo nota na hora, adeus. E fui ao Recife atrás de cajus, e não de reportagem. Mas, mesmo sem números, contarei duas histórias: um erro e um acerto pernambucano.

O erro está na destruição dos cajueiros. A árvore é nativa e ocupa grandes extensões. De ano a ano desaparecem alguns milhares, em virtude principalmente de loteamentos e de corte para lenha. O prof. Néelson Chaves, que entende de nutrologia, disse que o caju é uma das maiores fontes de vitamina C do mundo, e contém ainda outras vitaminas, e sua castanha é muito rica em proteínas; além disso, a casca da árvore tem emprêgo medicinal. Fazer lenha disso tudo é feroz.

Em Portugal cortar ou danificar sobreiro, a árvore da cortiça, é, pelo que me disseram, crime — ainda que o faça o dono da árvore. Por que não defender com uma lei especial os cajueiros?

Mas o Brasil também anda para a frente. Visitamos, perto de Olinda, a fábrica de fosfato. Até há pouco o Brasil não produzia nenhum, era obrigado a importá-lo do Norte da África e de outros lugares. Depois o minério foi descoberto ali quase à flor da terra, junto do porto. Instalou-se a usina, que logo cobriu o consumo nacional desse adubo. Acontece que o consumo nacional dobrou como por milagre, mas a indústria acompanha esse aumento. Podemos aumentar a produtividade da terra sem gastar divisas; além disso a Petrobrás nos promete para breve fertilizantes de outro tipo.

Duas indústrias puramente nacionais, uma particular, outra do governo, contribuindo para que se eleve o nível de produção de nossa lavoura. São coisas que fazem a gente ter esperança no brasileiro — esse miserável capaz de cortar a árvore do caju para apurar um dinheirinho de lenha.